

Colegas

Camaradas

A proposta de programa de acção do Secretariado Nacional fornece importantes elementos de reflexão: ressalta a profissionalidade docente, o seu conteúdo funcional, que tem uma das mais belas finalidades - a de formar e transformar indivíduos; recupera, na análise, os elos e a identidade dos professores; descreve e explicita muito bem os temas/problema que se deparam à Escola Pública, aos docentes e investigadores, faz a resenha da luta travada face aos ataques perpetrados pelos últimos governos, sobretudo o do PSD/CDS.

Fornece as razões necessárias para a acção, para a luta que vamos travar. Remete para a acção reivindicativa que deve ser traduzida concretamente e adiantar-se sobre a mesma, alguma coisa, neste congresso.

Colegas, o tempo é de luta.

Vivemos não um tempo novo, expressão que o próprio documento refere, no entanto o que constituiu ruptura não suplanta o que é ainda uma continuidade com as políticas anteriores. Um tempo de condições, apriori, mais favoráveis, é certo, mas de grandes desafios. Uma diferente conjuntura política e uma correlação de forças outra, que permitiu alcançar vitórias imprescindíveis (fruto da luta!), também com uma maior abertura para o diálogo, todavia não há mudança de paradigma político e é preciso ter isto presente, para não cairmos em atentismos face aos problemas e à luta, se queremos reafirmar a Profissão e defender a Escola Pública.

Acaso acabou a estratégia neo-liberal para a escola? O modelo de gestão, os mega-agrupamentos, a desresponsabilização do Estado Central face à Educação que continua a delegar as competências para os municípios a forte ritmo? Acaso se pensa em descongelar a carreira? Resolver a precariedade docente? Vai ou não avançar a tabela remuneratória única? E que fazer diante de ofertas educativas e currículos ao serviço daquelas vias profissionalizantes que são muito boas mas só para os filhos dos que pouco ou nada têm, cuja garantia é um futuro de precariedade igual à dos pais?

Tantos problemas que ainda temos de resolver! sendo certo que o maior deles continua a ser o garrote da dívida que se reflete no orçamento para a educação e que apesar de algum desanuviamiento não estancou o corte sofrido. Como professores e sindicalistas somos convocados para a luta pela renegociação da dívida, sem o que, corremos o risco de ficarmos a marcar passo nas conquistas obtidas e daí não sairmos.

É por isso que o tempo tem de ser o de continuar a luta organizada. Não porque nos perguntem se estamos a baixar a guarda, não! Luta apesar das pressões duma direita envenenada que tudo faz para minar a alternativa política encontrada após 4 de outubro. Mas porque a natureza da FENPROF a que pertencemos e os problemas que sabemos, nos actualizam o compromisso unicamente com a Escola Pública e com os Professores.

Uma luta que vai ter que ter três documentos orientadores fundamentais, acima dos quais nenhum pode ser pensado: Constituição da República Portuguesa, Lei de Bases do Sistema Educativo e Estatuto da Carreira Docente.

Uma luta que pode revestir-se de diferentes maneiras, mas que terá sempre por base a organização dos professores nos sindicatos de classe. Sindicatos que se realizam nas escolas com os professores e os seus problemas. Sindicatos que se materializam, no tempo e no espaço que é a escola. Haverá tantas lutas quantas as realidades concretas da escola assim o exigirem. Sempre envolvendo os professores. Só assim os professores não se esquecem de que são trabalhadores, trabalhadores docentes, e que é pelo lado do trabalho que optam e não do capital.

O tempo é de luta, o tempo é dos sindicatos. No nosso caso o sindicato é a escola – a ação que é preciso desencadear com os professores com vista à resolução de um dado problema. Amianto na escola? Indisciplina? (Já agora, não deixámos cair o Observatório para a Indisciplina, espero) Correção de horários? Vinculação de professores? (luta que desenvolvo com os professores neste momento na minha escola, colegas – A Casa Pia)...

Mobilizem-se os professores em torno dos respetivos problemas mais sentidos. E haverá mobilização, colegas. Haverá retribuição em solidariedade pelos professores quando o sindicato for às, e for as escolas. Aí os professores não prescindem dos sindicatos, ganham consciência da sua importância. Os novos professores sindicalizam-se!

Ficam mais politizados e professores assim cumprem o ato político que é a Educação, já dizia Paulo Freire. Discutem política nas salas de professores. Quando o apoio é contínuo; quando não se deixam cair os prazos para as coisas; Quando os delegados sindicais forem reconhecidos pela direção dos sindicatos como sustentáculo da luta na escola e se adequar às suas necessidades e disponibilidades o apoio necessário. O delegado sindical pode só organizar o placar, mas também, fazer reuniões com os colegas, dinamizar abaixo – assinados, distribuir comunicados, enfim...

Desde já, apelo a todos os delegados a este congresso que não sendo delegados sindicais, levem daqui a motivação e a consciência da importância de se fazerem delegados nas vossas escolas, já nas próximas semanas. Exorto-vos para tal e digo-vos que vale a pena!

Finalmente, ainda sobre a ação reivindicativa e para além da organização diária da luta, escola a escola, não vai chegar a assertividade negocial, nem as condições institucionais mais favoráveis para enfrentar os desafios que temos pela frente. Creio que face ao problema, vulgo da municipalização e também pela revogação do Dec. Lei 75/2008 vai ser necessária uma ação de luta de grande amplitude. Proponho para o dia do professor, uma forte ação de rua - uma manifestação nacional, dando luta ao modelo de gestão, podendo ser descentralizada, evitando nesse dia eventos dentro de portas. Até lá e muito brevemente é preciso atacar a municipalização com uma ação ou ações que desvelem e denunciem a gravidade da situação.

Camaradas,

Enquanto vingar a força nos braços unidos pela luta, seremos muitos, seremos ainda mais, alguém!

VIVA A FENPROF E O SEU XII CONGRESSO!